

PRÁTICAS DE ESCRIVIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS

BEATRIZ NASCIMENTO ANDRADE MOURA¹
Professora da educação básica

MARIA VITÓRIA DA SILVA²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa que analisa as percepções dos estudantes da Educação de Jovens Adultos (EJA) do Colégio Estadual de Jequié a respeito das práticas de Escrivivência. Estas práticas ampliam as vozes dos estudantes no espaço escolar e contribuem para desenvolver estratégias discursivas autorais. Transcrevendo seus modos de pensar e ver o mundo, para resistir aos processos de opressão colonial das populações Étnico-Raciais, evidenciando sua existência perante a si e a sociedade. Trata-se de um estudo qualitativo, uma etnopesquisa crítica/formação. Para a coleta de informações sobre a relação dos alunos com a prática da escrita e da leitura, utilizou-se os seguintes instrumentos: observação, gravação de áudio e a realização da Oficina de Escrivivência: Os Banzos da vida. A análise dos dados foi pautada num referencial teórico que discute as narrativas com base numa epistemologia (de)colonial e sua relação com produções orais e escritas, a saber: Evaristo Conceição (2020a/b); Paulo Freire (2017); Eduardo O. Miranda (2020); Sodré (2019); L lia Gonzales (1984); e Macedo (2006). Os resultados da pesquisa indicam que a Oficina de Escrivivências enriqueceu as discussões em sala de aula abordando temas como memória, oralidade, história e tempo, dando voz aos estudantes como também, demonstraram que o contato com as Escrivivências de Evaristo, por meio da Oficina, valorizou as vivências dos alunos e podem contribuir para práticas educacionais mais inclusivas na EJA.

3149

Palavras-chave: (De)colonialidades. Escrivivência. Escrita e oralidade.

Abstract

This work is part of a research that analyzes the perceptions of Young Adult Education (EJA) students at Colégio Estadual de Jequié regarding Writing practices. These practices expand students' voices in the school space and contribute to developing authorial discursive strategies. Transcribing their ways of thinking and seeing the world, to resist the processes of colonial oppression of ethnic-racial populations, highlighting their existence before themselves and society. This is a qualitative study, critical ethno-research/training. To collect information about the students' relationship with the practice of writing and reading, the following instruments were used: observation, audio recording and the Writing Workshop: Os Banzos da vida. Data analysis was based on a theoretical framework that discusses narratives based on a (de)colonial epistemology and its relationship with oral and written productions, namely: Evaristo Concei o (2020a/b); Paulo Freire (2017); Eduardo O. Miranda (2020); Sodr  (2019); L lia Gonzales (1984); and Macedo (2006). The research results indicate that the Writing Workshop enriched classroom discussions by addressing topics such as memory, orality, history and time, giving students a voice, but also demonstrating that contact with Evaristo's Writings, through the Workshop, valued the students' experiences and can contribute to more inclusive educational practices in EJA.

Keywords: Decolonialities. Writing. Writing and oral.

¹ Professora da Educa o Básica. Psicóloga e Licencianda em letras.

² Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As formas de colonização e hierarquização dos saberes dispostos nas relações educativas presentes, na maior parte das escolas brasileiras, homogeneizam e padronizam os pensamentos e comportamentos dos alunos. Ao direcionarmos nosso olhar para o ensino da língua portuguesa nas nossas escolas, especificamente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), é possível perceber ainda o predomínio de práticas pedagógicas pautadas em um ensino bancário e conteudista, que perpetua a superficialidade do processo de ensino-aprendizagem, dos modos de falar e escrever pela imposição das formas “corretas” de se expressar, baseadas numa norma culta, que cerceia e impossibilita a aproximação do aluno com os seus modos próprios do uso da língua (ANTUNES, 2009).

Esses modos de ensino da língua silenciam o sujeito, impossibilitando o desenvolvimento das competências necessárias para uma escrita autoral e criativa que expresse a consciência de sua identidade, realidade e opressões que exercem influência em sua vida cotidiana. Assim, a escola que deveria contribuir para ampliar os saberes dos sujeitos, inviabiliza práticas que transgridam o sistema decolonizante de posturas e comportamentos questionadoras e disruptivas (HOOKS, 2017).

3150

Destacamos que para os alunos da Educação de Jovens e Adultos, a relação com a leitura e escrita torna-se ainda mais complexa. Tendo em vista, que esses sujeitos já tem formado uma representação de si e da sua relação com a linguagem escrita constituída nas interações sociais, marcadas por preconceitos, baixa autoestima, fracasso escolar, entre outros aspectos da fragilidade educacional brasileira. No entanto, diversos estudos têm demonstrado que é possível superar essas representações por meio de práticas pedagógicas de leitura e escrita que aproximem o aluno de si, da sua realidade, existência e experiências que emergem em sua vida. Nesse sentido, a Escrivivência na EJA se apresenta capaz de (re)significar a prática de leitura e escrita na escola e romper com as formas de colonialidade e hierarquização dos saberes disciplinares dispostos nas relações educativas homogêneas (MIRANDA, 2020; EVARISTO, 2020a).

Assim, compreendendo que o ensino por meio de práticas de Escrivivências é uma alternativa para aproximar o aluno de sua língua, ampliando e aprofundando sua competência do ato de ler e de escrever e relacionando-os com a sua vida cotidiana. Questionamos neste

estudo, quais as percepções de estudantes da EJA a respeito das práticas de Escrivivências na escola?

Para responder a esse questionamento, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa pautada na etnopesquisa crítica/formação (MACEDO, 2010), com o objetivo de analisar as percepções dos estudantes da EJA do Colégio Estadual de Jequié a respeito das práticas de Escrivivência. Para a coleta de informações sobre a relação dos alunos e alunas com a prática da escrita e leitura, realizamos uma oficina denominada de *Oficina de Escrivivência: Os Banzos da vida*³, bem com uma observação participante e a gravação de áudio dos encontros. Os sujeitos participantes desta pesquisa foram alunos e alunas da turma de Tempo formativo II – VI – Terceiro segmento da EJA do Colégio Estadual de Jequié, no município de Jequié-Bahia, no turno noturno, na disciplina de Protagonismo Juvenil, com carga horária semanal de 1 hora/aula, perfazendo um total de 8 horas/aula na I unidade.

A análise e discussão dos dados ocorreu de forma descritiva e interpretativa a partir da leitura dos dados, obtidos durante a realização da Oficina, com base nos referenciais teóricos que embasam este estudo e nos parâmetros estabelecido por Salgueiro (2020, p. 108), sobre os aspectos discursivos que compõe a Escrivivência:

- O duo memória-família: o trauma e a memória, escritas do corpo negro pela arte da palavra, inscritas no poder de narrar do sujeito negro;
- Os sempre presentes marcadores de classe e gênero;
- A oralidade, como ponto de partida para a representação da voz do cotidiano, e com especial valorização da escuta das vozes femininas ainda sub-representadas e tantas vezes contestadas;
- Resistência;

Esses parâmetros nos ajudaram a identificar e compreender as percepções dos alunos e alunas durante e após a leitura e discussão dos textos de Evaristo, trabalhados na Oficina, por meio de atividades orais e escritas. A Escrivivência é uma prática de fundamental importância na EJA pois coloca em pauta a necessidade de uma educação decolonial, colocando no centro

³ O termo Banzo é estudado pelo escritor Davi Nunes, autor do livro infantil juvenil, *Bucala: a pequena princesa do Quilombo do Cabula* (2019), e foi escolhido por ser uma: “[...] palavra de origem africana que nos negros(as) conseguimos manter durante esses mais de quinhentos anos no Brasil – diáspora de desassossego e morte – para explicitarem sofrimento, ou mesmo algum estado de padecimento psicológico (efeito da escravidão e racismo) [...] Nos dicionários oficiais de língua portuguesa, os dicionários brancos, *banzo* é definido como saudade da África, ou como forma de adjetivação de pessoa triste, pensativa, atônita, pasmada, melancólica (NUNES, 2018, p. N/D).

do processo de ensino e aprendizagem as relações étnico-raciais. Dando voz aos estudantes ampliando a consciência existencial dos alunos e alunas, a reflexão dos modos de ser, de relacionar-se, de ler e transcrever sua realidade e experiências vividas no seu cotidiano.

(De)colonialidades, Escrivência e Relações Étnico-Raciais na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A educação no Brasil é marcada por desigualdades sociais, culturais, políticas e econômicas que constituem e estruturam o país. Esses problemas nas relações étnico-raciais influenciam, no passado e presente, o processo de ensino nas nossas escolas, em especial a EJA, orientado uma concepção de ensino bancário, mecanicista e colonizador, não acolhendo os alunos e alunas que fazem parte deste segmento da educação. O desafio atual, é construir coletivamente um ambiente escolar acolhedor aos discentes que têm que conciliar o estudo com as demandas do mercado de trabalho, responsabilidades da vida adulta e familiar, superação dos estigmas por buscar educação fora da idade esperada, dificuldade de acesso à escola por distância ou tempo, e entre outros desafios (SERRA, MOURA, 2017).

Diante do exposto, faz-se necessário questionar como superar essas barreiras das desigualdades sociais, que são fortalecidas por práticas pedagógicas descontextualizadas da vida cotidiana dos alunos e alunas da EJA? A resposta a esse questionamento se apresenta como um desafio para novas pesquisas, voltadas para a EJA, capazes de apontar caminhos e instrumentos que contribuam para a emancipação do sujeito.

Nesse sentido, Miranda (2020) entende a necessidade de pensar e pesquisar estratégias para uma prática docente baseada numa educação (de)colonial que contemple a escuta da diversidade das culturas, memórias, histórias e os corpos-territórios dos alunos. Assim, o ensino da escrita autoral (de)colonial na EJA, como a Escrivência, apresenta-se como um dos meios de provocar uma intervenção no mundo desses alunos e alunas, rompendo com a ideologia dominante que visa a formatação e homogeneização dos indivíduos por meio do ensino de conteúdos desvinculados das suas vidas (EVARISTO, 2020b).

A Escrivência na EJA, busca preencher vazios de silenciamento de vozes colonizadas, em situação de vulnerabilidades decorrentes dos impactos do processo de colonização, escravização e opressão vivenciados a séculos no Brasil. Como prática de escrita autoral, a Escrivência possibilita que alunos e alunas expressem “*seus desejos, experiências, medos,*

sonhos, posicionamentos, e ao fazer esse movimento pode refletir sobre si, buscando compreender melhor a si mesmo, suas diferenças, identificações, culturas, crenças, relações, desejos, ética etc., o que se desdobra no aprender a ser” (CARVALHO, PIMENTEL, 2020, p.15).

O termo Escrevivência foi cunhado por Conceição Evaristo para o seu fazer literário. Mulher negra, mãe, professora e escritora de grandes obras, como: Olhos D’água, Ponciá Vicêncio e Becos da Memória, Evaristo concebe Escrevivência como a prática da escrita de suas experiências de vida, retratando o cotidiano, baseando-se em lembranças e memórias para a montagem de uma história/narrativa de opressão, como bem descreve, um fenômeno diaspórico e universal (SALGUEIRO, 2020).

A essência desse termo-conceito se funda na construção imagética e histórica da Mãe Preta, escravizada e forçada a cuidar, alimentar e zelar pelos filhos de seu colonizador. Neste trabalho desumano, era obrigada a “*contar histórias para adormecer os da casa-grande*”, uma voz silenciada através do tempo, servindo para o entretenimento e educação dos opressores, fato histórico que serviu de base para Evaristo cunhar a Escrevivência (BORGES, 2020).

Borges (2020), compreende a Escrevivência como um princípio conceitual-metodológico com potência para suportar as narrativas dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história. Assim, Escrevivência no ensino de língua portuguesa aproxima o aluno de sua língua, amplificando e aprofundando sua competência na escrita, relacionando-a como uma extensão projetiva de sua vivência e identidade, para que o aluno se relacione com sua língua de maneira autêntica.

O QUE REVELA A OFICINA DE ESCRIVIVÊNCIA: OS BANZOS DA VIDA

A realização da *Oficina de Escrevivência: Os banzos da vida*, revelou diversos aspectos que permeiam o processo de ensino e aprendizagem da EJA, a saber: pouca participação dos estudantes durante as discussões; maior participação e protagonismo de algumas alunas nas aulas; baixa frequência; rotatividade dos alunos nos dias da semana; elevada taxa de evasão; entre outros. Em relação a escrita, as Escrevivências revelaram que os alunos e alunas participantes da oficina escreviam e liam muito pouco, apresentavam pouca disponibilidade para realização da discussão dos textos, participavam de forma muito tímida expondo suas percepções de forma oral e escrita.

Na tentativa de envolver os alunos e alunas nas discussões, buscamos desenvolver por meio das Escrevivências atividades inovadoras e decoloniais, tentando transformar a sala de aula em um ambiente colaborativo, para promover autoconhecimento e combater preconceitos. Para tanto, realizamos a leitura de diferentes contos; incentivamos o relato de casos (narrativas orais vivenciadas por ele ou por alguém que eles conheciam); discutimos a importância das nossas narrativas pessoais; após o relato de narrativas orais incentivamos o registro escrito das mesmas; leitura dos registros escritos feitos pelos alunos; discussões que relacionam com os contos estudados com as vivências de cada aluno no sentido de valorizar suas experiências de vida e identidade cultural, visando promover mudanças; entre outros

Ressaltamos que, durante a realização da oficina, poucos alunos e alunas se mostraram interessados em falar ou escrever sobre suas vivências. Apesar dos esforços em tornar a oficina mais dinâmica e interessante, sentimos dificuldades em envolver os alunos na participação e valorização de suas experiências de vida.

Neste estudo, focamos nossa análise nas atividades de três alunos, denominados com codinomes de Aroeira, Jatobá e Juazeiro, para manter o sigilo dos dados. Nossa análise foi realizada a partir da relação entre a oralidade e escrita na Escrevivência, sendo um coorte dos aspectos fundamentais da Escrevivência, estabelecidos por Salgueiro (2020, p. 108). O primeiro aspecto discutido tem por referência “*O duo memória-família: o trauma e a memória partir do relato [...]*”

O texto de Aroeira aborda a memória de sofrimento, medo e tristeza vivenciados diante da possibilidade de perda do marido após um acidente de moto. Ela destaca em sua escrita o quanto essa vivência foi incomum e dolorosa. Pode-se notar que essa experiência foi revivida no momento de sua escrita, repetindo frases e palavras, para recordar do ocorrido e enfatizar a dor vivida, numa repetição para ser assimilado o trauma. Essa percepção de Aroeira se assemelha aos fundamentos postos por Evaristo (2020a, p. 42) como um “*modo de experienciar a memória e a própria vida*”:

Esse exercício que faço pretende aproximar o texto o mais possível de uma fala oral. A procura por uma estética que se confunda com a oralidade faz parte de meu projeto literário, que é profundamente marcado pela minha subjetividade forjada ao longo da vida. Quero criar uma literatura a partir de minhas próprias experiências com a linguagem, nucleada pela oralidade, a partir da dinâmica de linguagem do povo. E, em momento algum, esqueço que estou trabalhando com a arte da palavra.

A Escrevivência, na percepção de Aroeira, é um recurso para lembrar vivências importantes, relacionadas aos laços familiares e à identidade humana, como se utiliza do escrever sobre suas experiências, como o período difícil em que seu marido ficou internado.

Jatobá narra a despedida de seu sobrinho, vítima de violência policial, deixando para trás uma esposa grávida. Essa criança representa uma lembrança viva da vida e memória do sobrinho. Na sua narrativa a família é um elo fundamental na perpetuação da história e identidade dos indivíduos, mesmo diante de adversidades trágicas. Para Jatobá a Escrevivência é um meio de deixar um legado de sua existência para as gerações futuras, não permitindo que o tempo apague o que foi vivido, mesmo diante da distância que o espaço permite o esquecimento.

Inferimos que a percepção de Jatobá sobre Escrevivência é uma prática que possibilita que a memória não se perca diante da distância que o espaço/tempo incide sobre o sujeito. Assim, é possível considerar que a limitação do corpo pode ser ampliada ao compartilhar experiências com os outros, criando significado que garantirá a sobrevivência da existência ao longo do tempo e do espaço, através do outro, como também por meio da escrita como um registro histórico. Um legado para as gerações futuras. Essa percepção se baseia na visão de Borges (2020, p. 189):

Venho defendendo que Escrevivência é um princípio conceitual-metodológico com potência para suportar as narrativas dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história.

Ao analisarmos a narrativa de Juazeiro ao compartilhar conosco e com seus colegas de classe sua experiência de iniciar uma família aos 14 anos e abordar a sua gravidez como uma continuidade de si mesma. A Escrevivência para ela se apresenta como forma de desabafo, conectando escuta, fala e escrita para revelar sentimentos reprimidos. Uma prática que expressa o sentimento, o pensamento escondido, tranquilizando e aliviando a dor, a ansiedade, a tensão, a angústia e a agonia.

Nesse sentido, Gonzales (2020) compreende que a diversidade discursiva e dialógica de perspectivas e existências possam ecoar na sociedade, seja por meio da oralidade ou pela escrita necessita ser utilizada como recurso para a luta por emancipação da classe trabalhadora, negra e indígena dos países latino americanos, um desabafo da auto consciência existencial daquele que é reprimido. Mas vale destacar que a escrita é uma prática que não fica restrita ao presente

como a fala, ela repercute em diversos espaços, tempo e duração em que o leitor tem contato com a escrita, uma atemporalidade que a voz protagonista chega a vários leitores.

A compreensão da importância da memória e da Escrivivência na vida de Aroeira é destacada, mostrando a necessidade de lembrar vivências para dar sentido à existência. A sobrecarga de trabalho é apontada como um obstáculo para aproveitar momentos de lazer e prazer. Ao compartilhar essa vivência em sala de aula, Aroeira conseguiu envolver outros colegas de classe que viviam experiências semelhantes a relatarem de forma oral a opressão que também viviam no trabalho e a tristeza em sua vida pessoal e familiar.

Destacamos que escrever, entendido como uma forma de reviver experiências e se expressar, tem suas raízes na oralidade, fator essencial para que os alunos se tornem narradores de suas próprias histórias. Esta tradição oral é crucial para a Escrivivência, um conceito literário que destaca a importância da cultura afro-brasileira na luta antirracista, ao possibilitar a narrativa de histórias ancestrais e de resistência contra as estruturas coloniais, racistas, machistas e liberais da sociedade (SODRÉ, 2017).

Nessa perspectiva, os contos evaristianos, proporcionam a afirmação identitária em sua prática da escrita. Por isso que uma Escrivivência não é uma escrita autoral apenas, também é coletiva, representa grupos étnico-raciais, realidades e cosmovisão compartilhadas, valorizando as diferentes formas de expressão, a subjetividade e a construção de uma memória coletiva e histórica.

Não pomos em questionamento o fato de que a matéria -prima que constitui o mundo de hoje é feita de mensagens, códigos, informações, onde tudo flui no sistema nervoso digital. Técnica e linguagem parecem se fundir, ofertando-nos múltiplas possibilidades de tecer histórias, produzir narrativas, projetar provisórias identidades, redefinir os limites da nossa existência (BORGES, 2020, p. 183).

As Escrivivências de Aroeira, Jatobá e Juazeiro revelam a importância de armazenar e circular saberes, narrativas, realidades e perspectivas de sujeitos que foram silenciados ou subalternizados, corroborando com as Escrivivências de Conceição Evaristo. Essa necessidade é ainda mais urgente no mundo contemporâneo, em que as minorias sociais, estão sob a opressão e fortes influências do neoliberalismo, do capitalismo selvagem e do fascismo ditando as políticas públicas do Brasil, sucateando a educação, saúde, assistência social, segurança e economia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “*Oficina de Escrivivências: Os Banzos da vida*” apresentou pontos positivos significativos que merecem destaque, como a riqueza das discussões em sala de aula, que abrangeram diversos temas como a memória, a cultura da oralidade, da história contada e o tempo opressivo no capitalismo.

Durante a realização das atividades da Oficina foi possível estabelecer uma relação promissora com os poucos alunos, que compartilharam suas vivências e perspectivas de mundo, mas como foi citado anteriormente, analisamos apenas as percepções de três participantes. Essa análise indica que as Escrivivências se apresentam como práticas pedagógicas que abrem possibilidades para a participação mais efetiva dos alunos e alunas da EJA no desenvolvimento da leitura e da escrita autoral. As práticas de Escrivivências em salas da EJA se materializam como forma de expressão escrita que pode ser usada para reflexão pessoal do vivido e para deixar um registro de experiências para a posterioridade.

Destacamos que foi possível observar tanto nas narrativas orais com escritas que os três participantes têm a percepção de que a Escrivivência é uma forma de expressão literária que valoriza a vivência do autor, especialmente no que diz respeito às questões raciais e étnicas. Percebemos em diferentes momentos da Oficina que esses alunos construíram um conhecimento sobre a Escrivivência como uma forma de resistência e de reivindicação da identidade negra, comungando com as ideias dos autores trabalhados em sala de aula ao afirmarem que essa prática permite que as autoras e os autores negros tenham voz e sejam ouvidos.

3157

Percebemos também que os alunos e alunas demonstraram um conhecimento, voltado para a valorização de perspectivas e saberes dos povos colonizados, desconstruindo perspectivas colonizantes que são utilizadas na EJA para oprimir e marginalizar os alunos e alunas que constituem esse segmento da educação. Nesse sentido, às relações étnicas e raciais é compreendida por eles e por elas como um assunto que necessita ser discutido na escola, pois interfere na aprendizagem de cada aluno e na educação dos seus filhos e da maior parte da população brasileira. Esse entendimento é um reconhecimento da existência do racismo e da discriminação racial na sociedade, um problema a ser combatido.

Mesmo diante das diversas limitações, reiteramos que a práticas de Escrivivências na EJA é fundamental para dar voz aos estudantes, possibilitando que eles falem de si, de suas

dores, dos seus limites, das suas experiências vivenciadas no seu cotidiano, em busca de mudanças para si e para a sociedade.

A Escrivivência é uma prática inspirada e fundamentada numa educação decolonial que proporciona desdobramentos, que na sua maioria, são impossíveis para descrever, conhecer ou mensurar. Os dados apresentados neste estudo, nos dão elementos para incentivar essas práticas em sala de aula, como possibilidades para a superação de preconceitos, para uma aprendizagem mais efetiva da leitura e da escrita, como também, para a melhoria da EJA.

Concluimos este texto, com a certeza da necessidade de novos estudos a respeito da temática e afirmamos que o contato com as Escrivivência de Conceição Evaristo por meio da “Oficina de Escrivivências: Os Banzos da vida” indicam possibilidades para práticas pedagógicas com a oralidade, a escrita e a leitura que se distanciam do conservadorismo ainda presente na maioria das nossas escolas e se apresentam como um ato de transgressão em busca de mudança na vida escolar e pessoal dos alunos e alunas da EJA.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BORGES, R. Escrivivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. In. Org. DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. Ministério da Educação. **Resolução N ° 01/2021**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao/acesso_informacao/pdf/DiretrizesEJA.pdf>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2023.

CARVALHO, F.; PIMENTEL, M. Atividades autorais online: aprendendo com criatividade. **SBC Horizontes**, nov. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: . Acesso em: 06 setembro. 2020.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. In. Org. DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020A.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In. Org. DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020B.

_____. **Olhos D’água**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 64ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GONZALES, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MIRANDA, E. O.. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.

NUNES, Davi. Banzo: Um estado de espírito negro. **Portal Geledés**, 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/banzo-um-estado-de-espírito-negro/>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2023.

SALGUEIRO, M. A. a. Escrivivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In. Org. DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

SERRA, E.; MOURA, A. P. A. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos em debate**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

SODRÉ, M. **Pensar Nagô**. Editora Vozes, Petrópolis, 2017.

Autor 1:



Beatriz Nascimento Andrade Moura
Psicóloga formada pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) e licenciada em letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com especialização em psicodiagnóstico e avaliação psicológica UniAmérica e Etnicidades Educação e (De)Colonialidades Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; e Professora da Educação Básica
Email: bia.kskmento@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9507081179330007>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4870-6921>

Autor 2:



Maria Vitoria da Silva
Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Especialista em Alfabetização; Mestre em educação pela Universidade Federal de São Carlos; Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo;
Email: mvsilva@uesb.edu.br
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9448655452264969>
Orcid: